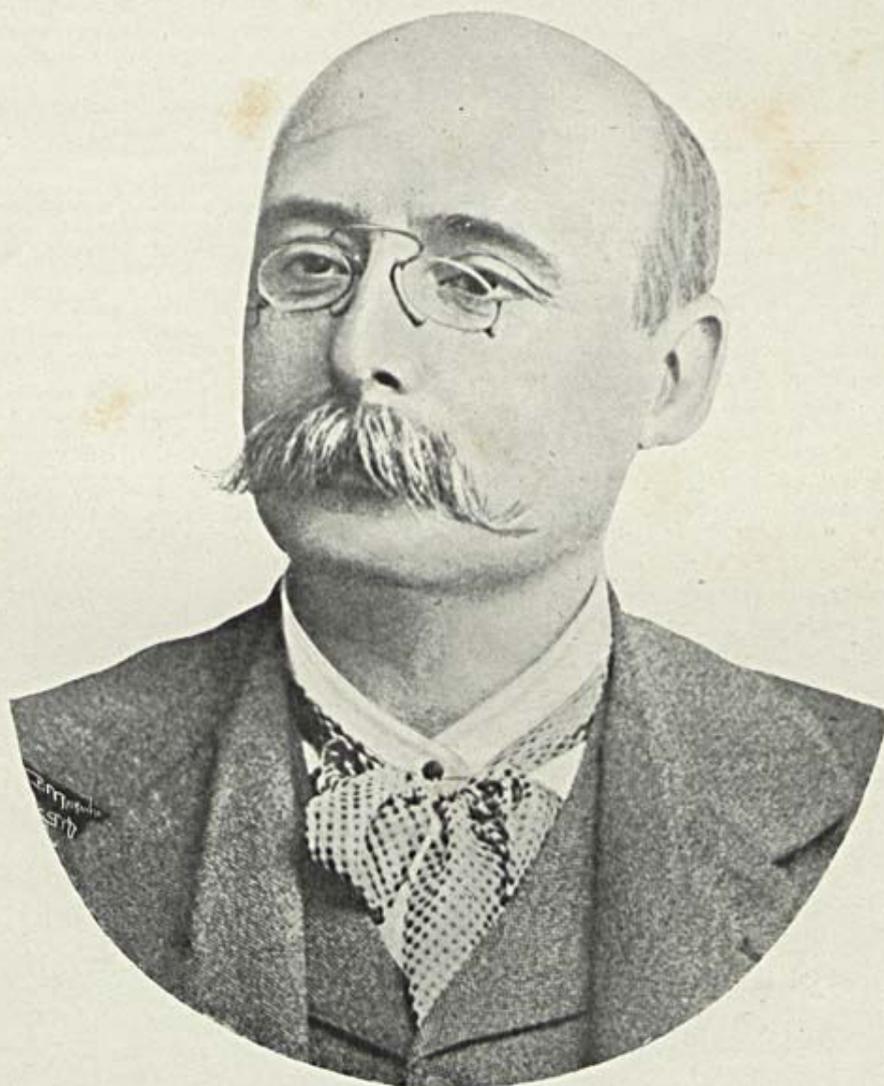


BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

16 DE SETEMBRO DE 1910

N.º 280



Consiglieri Pedroso

Presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa

(† a 3 de setembro de 1910)

Funeral de Consiglieri Pedroso



(Officel do A. C. Lima). *A camara ardente na sala «Algarve» da Sociedade de Geographia*

Consiglieri Pedroso

Tambem está de luto — luto dolorosissimo — o *Brasil-Portugal*. E' que na sua já longa vida de doze annos nunca teve collaborador mais dedicado, penna mais erudita, amigo mais leal. Foi para esta Revista o ultimo artigo que escreveu para a imprensa Consiglieri Pedroso. O assumpto era — não podia deixar de ser — o Brasil, o já consagrado accordo para o absoluto estreitamento entre as duas nações que pela origem commum, pela lingua que ambas folam, são mais do que companheiras, são mais do que amigas... são irmãs. N'esse *desideratum*, n'esse fervoroso aneio puzera Consiglieri Pedroso mais do que toda a sua intelligencia, mais do que todos os recursos do seu luminoso cerebro: toda a grandeza, toda a generosidade do seu coração. Morreu de uma syncope cardiaca: foi o coração, portanto, que o matou.

Recordar, para quê? a sua obra de academico, de historiador, de

parlamentar, de tribuno, de polyglotta, de mestre de umas poucas de gerações, de publicista, de democrata, de patriota! Pois não está ella na memoria de todos? Desconhecerá alguém o poderoso valor d'essa individualidade, o brilho e a erudição d'essa palavra, a força d'essa convicção, a superioridade d'essa intelligencia, a pureza d'essa alma, a patriótica vastidão d'essa obra?

Acclamado na vida consagrou-o a morte, e á medida que se fôr distanciando o tempo, engrandecer-se-ha a sua memoria e resplandecerá o seu nome. Fructificará em muitos espiritos o exemplo da sua vida e a posteridade não virá senão confirmar a significação do grandioso funeral em que, desde o representante do Chefe do Estado, se incorporaram os mais altos representantes da melhor sociedade portugueza.

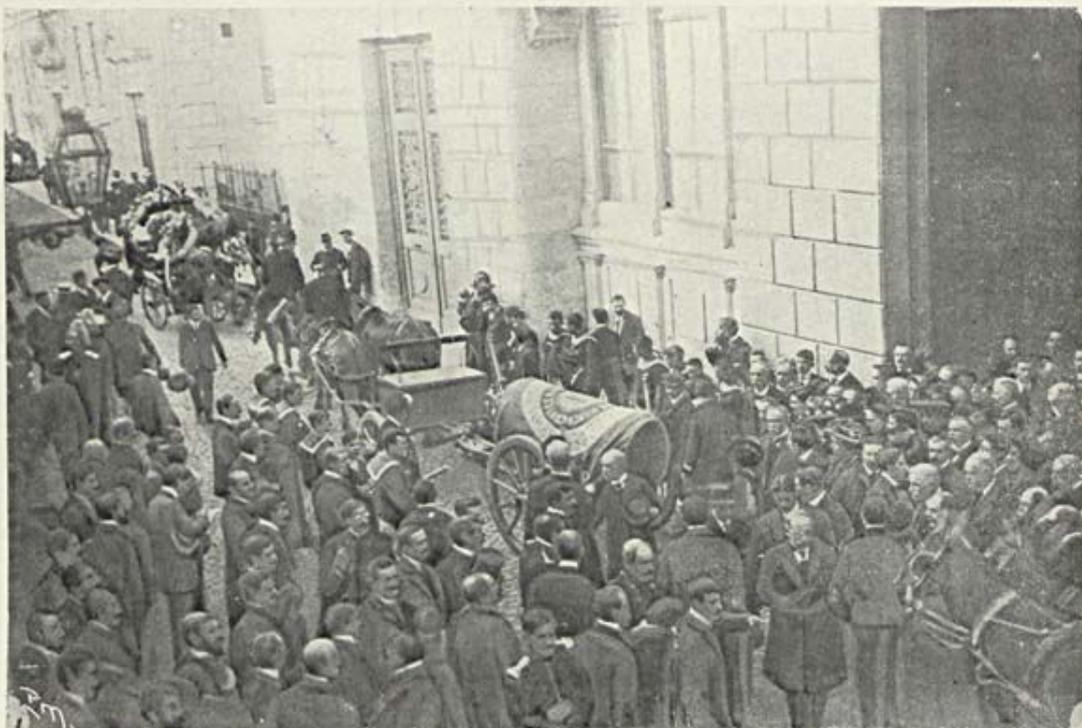
Pela parte que nos toca, a ferida que nos abriu no coração a sua morte sangrará por longo tempo. E quando revolvâmos os milhares de paginas do *Brasil-Portugal*, ao lermos nas consagradas á Politica Internacional a sua prosa bella e clara, repositório magnifico dos mais variados conhecimentos, que abrangiam a vida politica de todos os paizes, e que hão de constituir sempre um precioso e abundante elemento de consulta, avivaremos a saudade que elle nos deixou, a admiração que nos impunham as suas privilegiadas faculdades, o profundo reconhecimento que devemos á sua memoria.

Dos directores do *Brasil-Portugal* foi uma das primeiras corôas depostas sobre o seu feretro, e junto d'elle, n'esse desolador arreamento de cemiterio, quando começava a desaparecer a luz do dia, e em presença de centenas de cidadãos que iam dizer o ultimo adeus ao querido morto, o nosso collega na direcção, sr. Jayme Victor, velho amigo de Consiglieri, pronunciou estas palavras em nome do *Brasil-Portugal* e da Associação dos Jornalistas de Lisboa:

Consiglieri Pedroso serviu e honrou soberanamente o magisterio superior, a critica e a sciencia da Historia, a eloquencia parlamentar e tribunicia, a imprensa, a democracia, em resumo: a patria. Se no nosso tempo de zoilos e mediocres houvesse um Plutarcho, seria aquelle que n'esta hora pranteámos um dos seus raros varões illustres. E' que Consiglieri Pedroso era, nas varias feições da sua individualidade, o homem moderno com todas as virtudes do homem antigo. Spartan pelo privilegio do temperamento, pela modestia no viver, pela abnegação de si proprio em serviço dos outros, tinha o espirito voltado para todos os ideaes modernos, e, a fortalecel-o, toda a cultura litteraria e scientifica de que é susceptivel o homem de hoje.

No periodo mais brilhante da sua mocidade vemol-o pelejar pelos seus ideaes democraticos no parlamento e n'outras tribunas politicas, com um denodo, com um brio, com uma valentia que eram o assombro de todos os que mal comprehendiam que espirito tão robusto pudesse alojar-se em corpo tão franzino e delicado.

Agora, no ultimo periodo da sua vida, e na presidencia da mais benemerita sociedade do paiz, vemol-o com a mesma coragem, com a mesma isempção, com o mesmo denodo, e, porque não havemos



Funeral de Consiglieri Pedroso. — Ao sahir da Sociedade de Geographia

de dizel-o? com a mesma fé, iniciar, propagar, defender com um ardor de apóstolo, esse accordo luso-brazileiro, que se lhe alligurava consubstanciar a prosperidade e o futuro da patria.

E, em duas épocas tão afastadas na vida, a primeira em que os impetos da mocidade não raro abafam os dictames da ponderação, e



Funeral de Consiglieri Pedroso. — O carro das corôas

a ultima em que o são criterio tambem por vezes arrefece e quebra os ardores juvenis, em ambas vemos esse home n de faculdades privilegiadas, coherente, logico, sempre igual, caminhar por vias diversas para o mesmo fim: a grandeza e o resurgimento de Portugal.

O historiador corria parelhas com o emancipador, aquelle estudava as nossas glorias nas paginas do passado, este sabia por igual, com a mesma penetração de vistas, adivinhal-as e preparal-as para o futuro.

A outros, de competencia especial, cabe fazer o panegyrico do sabio e do patriota. A mim compete-me falar em nome da Associação dos Jornalistas e Escriutores Portuguezes, e este dever honroso cumpro-o na ausencia do nosso querido collega e presidente da direcção que, com a sua costumada eloquencia, saberia pôr em destaque os serviços relevantes que n'um largo curso de tempo Consiglieri Pedroso prestou á nossa Associação, honrando-a por fórmas diversas: ora fazendo eruditas conferencias sobre litteraturas e escriptores do norte, ora representando-a superiormente n'um Congresso Internacional em Paris, onde tive a honra de o ter por companheiro, ora brindando nas linguas das suas nacionalidades, porque em quasi todos os idiomas da Europa elle era o unico que podia exaltar o proprio paiz, ora como presidente da assembléa geral da nossa Associação, tomando durante a ultima dictadura a iniciativa da campanha contra a lei de imprensa, ainda hoje em vigor, e presidindo ás assembléas a que concorreram os escriptores e jornalistas de todas as feições politicas.

O seu valor de jornalista fica documentado nos jornaes que dirigiu, nos artigos que de todos os lados lhe solicitavam, e sobretudo n'essas magnificas chronicas de Politica Internacional, com que n'um



Funeral de Consiglieri Pedroso

À porta do cemiterio do Alto de S. João — O primeiro turno
(Cliché de A. C. Lima)

periodo de muitos annos e com uma regularidade que pôe em relevo o seu methodo de trabalho, elle honrou todos os numeros do *Brasil-Portugal*, a velha revista litteraria e artistica a cuja direcção pertenceo, e em nome da qual desfolhou sobre esta campaa uma saude.

Cintra, a terra dos seus encantos, a que elle escolhia todos os annos para repouso do espirito e reconstituição do debil organismo, matou-o. O *paraiso terrestre*, de Byron, a *amena estancia* de Garrett; a terra dos poetas e dos namorados, parece ter inveja de muitos d'aquelles que, tendo pelo coração e pelo cerebro conquistado a gloria, vão pedir um conforto e um abrigo á sua natureza privilegiada. E ella, a terra prolifica das arvores sempre robustas e sempre verdes, escolhe de preferencia, para os aniquilar, os cerebros que, robustos como ellas, fecundam idéas e preparam ideaes. Cintra matou, que me lembre, Antonio Rodrigues Sampaio, Mendes Leal, Latino Coelho, Carlos Valbom, a duqueza de Palmella, quantos, quantos! Vem fechar a serie funeraria Consiglieri Pedroso, um dos grandes e dos bons que restavam á sociedade portugueza, tão indisciplinada nas idéas, tão minguada de homens do valor d'elle.

Lamentemos a sua morte, mas fortaleçamo-nos no seu exemplo



Funeral de Consiglieri Pedroso

No cemiterio do Alto de S. João — Entrando a capella

e imarcesciveis como a sua memoria sejam as saudeas que todos vimos desfolhar sobre o seu caixão, sendo das mais tristes e dolorosas aquella que trago em nome da Associação dos Jornalistas e Escriutores Portuguezes.

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

As ultimas eleições. Os resultados. Quem tem a maioria: o governo? o bloco conservador? Ninguém sabe. Raihos de comadres. Quem vê a contenda de palanque. Perseguido frades... que não são encontrados. Os carabineiros de Offenbach. Coisas para rir que podem dar em casos para chorar. — A embaixada ingleza. — O enterro de Consiglieri Pedroso. — O concurso hippico nas Caldas da Rainha. — O invento do major Gomes Teixeira. — Hospital de creanças Duqueza de Palmella.

Se algum dos meus leitores espera que eu lhe vá dizer o resultado das ultimas eleições geraes, engana-se redondamente. Eu sei lá o resultado d'essa refrega! Nem o bloco conservador o sabe. Nem o governo. O governo ainda menos que o bloco, que eu, talvez! Ninguém sabe nada. Ha sujeitinho que teve dez mil votos e não está eleito. Ha tal que não teve um voto e já tem *fauteuil* marcado em S. Bento para a *première* do dia 23. Ha até quem fosse eleito por dois circulos, que não podem deixar de ser circulos viciosos...

A barafunda é enorme, medonha. Ainda hoje li nas gazetas do governo que este tem oitenta e oito deputados e o bloco quarenta e cinco. Mas as gazetas do bloco, tambem de hoje, affirmam que a colligação conservadora teve maioria e o governo ficou em cheque, sendo obrigado a bater em retirada. Vão lá entendel-os! Depois, falta ouvir o que dirá sobre eleições contestadas o Tribunal de Verificação de Poderes e sobre eleições annulladas — a urna, a vontade da nação, o... o santo que tenha paciencia para os aturar.

Entretanto, para não perderem o tempo e o feito, as hostes governamentais e as opposicionistas vão-se descompondo com gana, cada qual afirmando com murros no peito, como as varinas zangadas, a sua dedicacão pela causa monarchica e o bem estar do paiz, ao passo que os republicanos, de palanque e á sombra... da arvore da liberdade, vão gosando o espectáculo e estimulando os contendores, depois de terem realizado muito mais do que poderia e deveria ser o seu sonho doirado: levar á camara quatorze deputados. Mas o

mais engraçado de tudo é que, no meio da barafunda geral, quem pede ordem! ordem!, como nos espectáculos tumultuosos; são precisamente elles, os inimigos das Instituições. Não ha muitos dias, a *Lucta*, em «fundo» de um dos seus mais brilhantes collaboradores, pedia «ordem! ordem!» aos monarchicos desavindos, dispersos e irreconciliaveis, com aquella auctoridade incontestavel de quem pelo seu aprumo, pela sua cohesão e espirito de disciplina partidaria, embora seja por principio bulhento, é, quando lhe convem, a pessoa mais disciplinada d'este mundo.

O espectáculo seria interessante se não fosse, por mais de um motivo, perniciosissimo. N'estas apaixonadas refregas governo e opposições exgotam energias e desperdiçam um tempo precioso que talvez não possam ganhar depois. Isso, porém, é com elles. Quem boa cama fizer n'ella se ha-de deitar.

O demonio é que todos nós precisamos de descansar sem receio pela integridade das proprias costellas...

Uma das coisas mais engraçadas — que as houve em barda n'este periodo eleitoral memoravel — foi o chamado caso dos padres ou dos frades, ou de frades e padres ao mesmo tempo.

Com razão ou sem ella, os chamados liberaes accusaram padres e frades de trabalharem furiosamente contra o governo nas eleições, servindo-se de todos os processos. Disseram-se coisas preciosas: que os reaccionarios pediam votos para Jesus Christo, que ameaçavam do pulpito as mulheres em estado interessante de darem à luz sapos se os maridos votassem nos candidatos do governo, que declararam da tribuna sagrada que o governo queria converter os templos em cavallariças... o demonio!

Acabadas as eleições ahí temos o governo a ordenar rigorosas syndicancias ás congregações religiosas... cuja existencia não é permittida. Os jornaes noticiam o tremendo caso e os syndicatos partem depois de estarem tres dias a costeletas de vitella e chá preto, alimentação que transforma os homens em feras. Mas, oh decepção! quando chegam ás sédes das congregações encontram-as fechadas. Baldadamente batem ao ferrolho. Ninguém responde. Apparece então um camponez, como em Aldeia da Ponte, d'onde desapareceram grossas de frades Mariannos.

— Oh sr. diga-me, não é aqui o convento?...

— E', sim, senhor.
— Não estão cá, os srs. frades?
— Já bateu?
— Já, sim sr.
— E não responderam?
— Não sr.
— Então é porque não estão.

Como os carabineiros de Offenbach, os srs. syndicantes estão chegando tarde. E' o que vale aos frades! E' o que lhes vale! Porque se os srs. syndicantes apanham um que seja!... Eu nem quero pensar n'isso! Que chacina! Que horror! O sr. presidente do conselho matava-o. O sr. Alpoim espostejava-o. O sr. Alfonso Costa frigia-o. E o sr. Jacintho Candido, para não perder tudo, comia-o com salada de pepino.

Divertida terra! E que santa gente nós somos, oh meu leitor, oh meu irmão, oh meu... correligionario!

No *sud-express* do dia 3 chegou a Lisboa a embaixada ingleza presidida por lord Grenard que veio notificar a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Manuel a ascensão de Jorge V ao throno de Inglaterra.

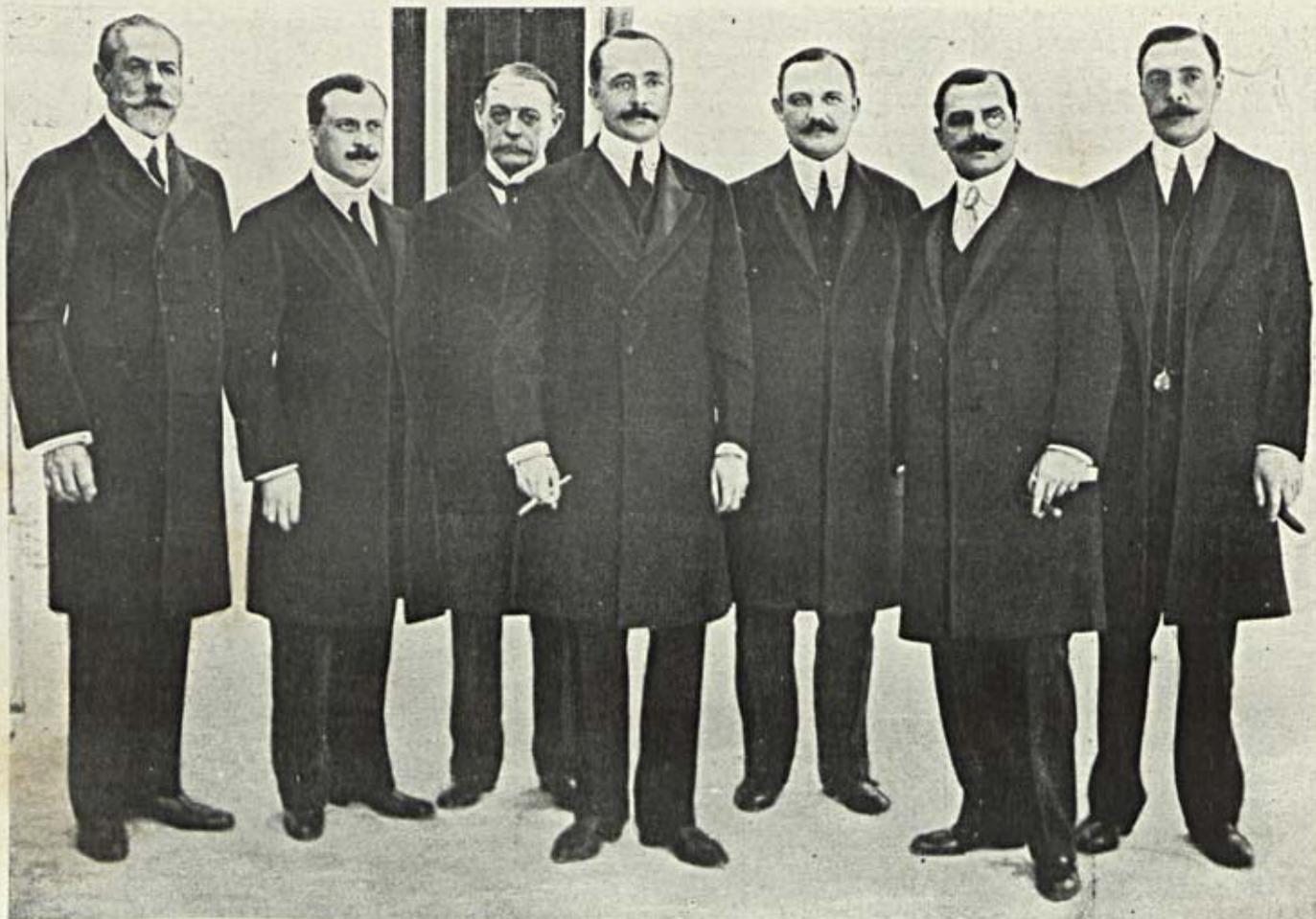
A embaixada, que foi hospedada no palacio real de Belem, cumpriu a sua missão no dia immediato, realisando-se ás tres horas da tarde no paço da Ajuda a respectiva cerimonia, após a qual lord Grenard e os outros membros da embaixada foram ao Pantheon Real, depositando uma corôa sobre o athaude de El-Rei D. Carlos. A' noite realisou-se no paço das Necessidades o banquete de gala offerecido por El-Rei, trocando-se brindes da maior cordealidade entre o Monarcha e o embaixador inglez.

No dia immediato houve os cumprimentos, em Cintra, a Suas Magestades as Rainhas e á noite banquete offerecido pelo ministro de Inglaterra, ao qual assistiu o sr. D. Manuel.

Depois de assistir ao concurso hippico nas Caldas e a outras festas dadas em sua honra, a embaixada partiu para Inglaterra no dia 6.

O funeral de Consiglieri Pedroso constituiu, pela imponencia que

A embaixada ingleza que vein a Portugal notificar a El-Rei a ascensão de Jorge V ao throno de Inglaterra



Os enviados do monarcha inglez, vendo-se ao centro lord Grenard e dos lados sir Archibald Hunter, lord Herschell, capitão Hond e o addido G. Villiers, acompanhando-os os srs. visconde de Asseca e Batalha de Freitas

(Cliché de A. C. Lima).

A embaixada ingleza que veiu a Portugal notificar a El-Rei a ascensão de Jorge V ao throno de Inglaterra



Lord Grenard, chefe da missão ingleza, sahindo do Paço de Belem para ir a recepção no Paço da Ajuda

revestiu e pela extraordinaria concorrência, a mais solemne consagração do illustre extincto. Foi uma manifestação verdadeiramente grandiosa a que se associaram todas as camadas sociaes, que em todas ellas o sabio professor e integro cidadão contava devoções. Não tem conta, as agremiações, institutos, etc., que se fizeram representar no funebre acto, que foi dos mais concorridos a que temos assistido.

Terminou no dia 7 o concurso hippico que constituia o mais interessante numero das festas ultimamente realisadas na linda villa das Caldas da Rainha.

De anno para anno estes concursos vão despertando mais e mais interesse. Este, agora, foi de real importancia, reunindo os melhores cavalleiros militares e civis que disputaram com brio corridas com percursos diliceis, perigosos, exigindo dos concorrentes a par de muita coragem, profundo conhecimento da equitação e segurança nas montadas.

Além das provas *Ensaio, Omnium Caça, Grande premio das Caldas e Campeonato dos vencedores*, outras houve de menos importancia em relação á difficuldade dos saltos, mas muito interessantes, tambem, como as de campinos, discipulos e amadores.

Ao jury presidiu Sua Alteza Real o Principe D. Alfonso, assistindo a parte dos exercicios Sua Magestade El-Rei.

Decorreram com exito as experiencias realisadas na escola de torpedos com a assistencia do Chefe do Estado, do torpedo fixo, invento do major de engenharia sr. Gomes Teixeira.

As vantagens primordiales do torpedo consistem em poder rebentar sem damnificar qualquer outro torpedo que se encontre proximo e na sua grande força explosiva.

Tanto o Soberano como o ministro da guerra e officiaes felicitaram vivamente o sr. major Gomes Teixeira após a experiencia, que não podia ser mais feliz.

No dia 2 do corrente foram inauguradas as novas installações do Hospital para creanças, ao Rego, fundado em 1887 por uma commissão de senhoras. Passava n'esse dia o primeiro anniversario da morte da illustre duqueza de Palmella e a gerencia do humanitario instituto hospitalar quiz ligar o nome da benemerita senhora á instituição que tanto auxilio lhe deveu. Desde esse dia que o hospital de creanças se denomina «Duqueza de Palmella».

Esta tocante demonstração de piedade e reconhecimento honra sobremodo quem a promoveu. Perpetuar nomes como o da duqueza de Palmella é um dever — como é uma necessidade esquecer outros...

CAMARA LIMA.

A prova de que o homem descende do macaco é que, quando se sente perdido, agarra-se a todos os troncos.



A embaixada ingleza que veiu a Portugal notificar a El-Rei a ascensão de Jorge V ao throno de Inglaterra

(Cliché de A. C. Lima).

A embaixada dirigindo-se ao Paço da Ajuda onde foi recebida pelo Senhor D. Manuel

Palestras navaes

II

A *Levette* era um hiate pequeno mas elegante, não primando pelo excesso de andamento, mas bem proporcionado e de linhas correctas.

Tinha convex corrido de vante a ré, sem tombadilho ou salto e sem castello. A ré havia em baixo o alojamento do unico official que o navio tinha, o 1.º tenente Parrayon; era um pequeno alojamento quadrangular com um beliche a E B., tudo menos que modesto e sobretudo muito exiguo.

Como se vê, o navio não era proprio para transportar passageiros, mas, não obstante isso, estava destinado a transportar a Mayotta, o commandante e o machinista, Madeira, do nosso vapor *Quclimane* e um al-

A tripulação era de 20 homens, mas não havia corneteiro ou tambor por desnecessario. Quando havia necessidade de qualquer faina, o arvorado de serviço dava um golpe de apito de sentido e depois dizia, em alta voz, a ordem que tinha de ser executada.

Tratava-se, por exemplo, de mandar almoçar o 2.º quarto; o arvorado Pignorel dava o golpe de apito de sentido e, a seguir, dizia:

— En haut les babordais. — Tribordais à déjeuner.

E, passado o tempo regulamentar dizia o mesmo arvorado:

— Tribordais ramasser les plats. — En haut tout le monde.

O rancheiro arrumava o trem do rancho e estava tudo prompto.

E este viver monotonico e sereno deslisava suavemente no Oceano Indico, ao mesmo tempo que em França os horrores da revolução, que se seguiu á guerra franco-prussiana, ensanguentavam o solo da patria, aniquilavam o imperio e reduziam a ruinas uma civilização passada!

Para este serviço das communicações entre Mayotta e as Seychelles, ultimo ponto onde tocava um ramal da linha franceza de vapores, tinha o governo francez, ou antes o governo de Mayotta, a *Levette*, com a *In-*

Concurso hippico nas Caldas da Rainha



(Cliché de J. Benollet).

El-Rei entrando nos jardins da casa do sr. dr. Ferrari, onde se hospedou

Acompanham o Senhor D. Manuel os srs. conde de Tarouca, dr. Ferrari, Simões Baião, governador civil de Leiria, capitão Craveiro Lopes, deputações da Camara Municipal e da Associação Commercial com os seus estandartes, e muito povo

feres da infantaria da marinha franceza, Mr. Merland, que chegara da Europa e ia fazer serviço no Ultramar e ficou em Mayotta.

Não tinhamos espaço onde armar camas mas cada um trazia o seu bocado de giz imaginario e armavamos um colchão do paiol sobre o xadrez da pôpa; e, quando vinha a chover, contratempo muito frequente n'aquellas latitudes, iamos corridos á maior pressa por ahí abaixo, para o camarote do commandante, onde, contentes, nos sentavamos sobre os colchões e ahí nos entreteinhavamos em um cavaco apropriado á occasião, que a idade de 40 annos a menos auctoriza e que felizmente nunca durou muitas horas; acabada a chuva, voltavamos com a cama para a tolda e adormeciamos.

O hiate tinha a borda baixa e sobre ella armavam-se 4 remos grandes, *aviron de galère*, a que davam impulso 2 marinheiros a cada remo e em pé, e que serviam nas occasões de rascadas ou de passagens criticas, ao entrar e sahir as barras, em calma, etc. O andamento a remos não excedia 3 milhas por hora e era ao som de uma cantilena monotonica mas pittoresca dos marinheiros, muito colorida e que cadenciava o puchar dos remos.

diéne, pequena escuna mercante, um ponco maior do que a *Levette*, commandada por um capitão mercaute, Mr. Pourquier e algum navio a vapor, que calhava passar em serviço e que se encarregava de levar as malas que houvesse.

Como se vê, o serviço do correio francez não merecia áquelle governo mais cuidados do que ao nosso merecia o de Moçambique. Verdade é que Mayotta valia incomparavelmente menos do que a adormecida provincia de Moçambique, hoje quasi completamente despertada e prompta a tomar parte no concerto universal.

Com mais ou menos celeridade, chegavam as nossas malas a Mayotta e ahí se demoravam até que de Moçambique as fossem buscar. Esse final de viagem era, porém, cheio de difficuldades, pois dependia de haver navio de estação disponivel na occasião propria e isso custava sempre muito carvão, que a mala, em geral, não valia, segundo lá diziam. N'uma occasião — lembra-nos isso perfeitamente, — havia necessidade de mandar buscar a mala a Mayotta e não havia navio de estação que, em geral, era só um e andava n'outro serviço não menos urgente. Freton-se um pangaio costeiro, metten-se-lhe dentro um cabo enropen de zuavos reaes,



Concurso hippico nas Caldas da Rainha
Senhoras aguardando a chegada de El-Rei

que ia representar o governo portuguez junto do governo de Mayotta e seguiu o seu destino.

Cabe aqui um curioso parenthesis. Os pangaiois navegam só pela agulha e pela estima; não observam o sol e não determinam ao menos a latitude. Teem um roteiro arabe, onde se encontra o rumo a que correm duas terras entre si, o ponto de partida e o de destino. Por exemplo, no nosso caso, Mayotta ficava a ENE. de Moçambique, obra de umas 300 milhas. O pangaio seguiu esse caminho; mas, como não tinha meio de verificar as correntes, as aguas foram ao Sul e o pangaio foi avistar um ponto de Madagascar! Contrariado, o nosso homem, depois de reconhecer a terra, vira para NW. ou o que quer que seja; mas as aguas não corriam direito e foi dar com a costa d'África, pelas alturas do Ibo! Andou assim uma infinidade de dias, perdendo um tempo espantoso, em zig-zagues, e afinal, depois de varias tentativas, depois de alguns mezes conseguiu alcançar Mayotta e voltou o pangaio com o zuavo a Moçambique. Que brilhante figura que elle faria em Mayotta!!

Fomos avistar-nos com o commandante Parrayon e pedimos-lhe as duas passagens para o nosso transporte. O commandante mostrou-nos o navio e o espaço que tinha disponível e disse-nos, com uma grande amabilidade, que *à la guerre comme à la guerre*, e, se nos quizessemos sujeitar, o navio estava ás ordens. Aceitámos de bom grado e fizemos uma viagem divertidissima. O peor foi a escala de Nossibé, que sempre nos atrazou, e as calmas que nos apoquentaram quasi sempre, levando 20 dias para alcançar Mayotta!

O machinista Madeira era homem sem grandes principios scientificos; começou por serralheiro da fragata *D. Fernando*, lá á prôa, estudou com o seu claro bom senso mais do que com mestres e fez-se gente. Muitas cousas não as aprendera nos livros; adivinhara-as pelo seu instincto, por um raciocinio claro e bem formado. Os machinistas não se faziam com os cursos complicados que agora ha; era a pratica e pouco mais. As machinas eram auxiliares e nós não podiamos ter homens especiaes nos primeiros tempos da gradual transformação da nossa marinha. Houve inglezes durante algum tempo e machinistas portuguezes praticos, e só mais tarde, com os cursos intelligentemente organisados, é que fomos prescindindo dos inglezes e servindonos com a prata da casa e muito satisfactoriamente. O Madeira foi um excellente machinista para aquelles tempos de transição.

O commandante Parrayon, com a familiaridade que forçosa mente se estabeleceu entre as quatro táboas de um navio, viu logo que o Madeira era um homem intelligente mas sem grandes principios documentaveis; gostava de lhe propôr problemas complicados em geometria e em mechanica, que elle, depois de mais ou menos trabalho e hesitações, porque tinha que procurar rodeios e processos seus para a resolução do problema, atinava com elle, ás vezes depois de algumas horas de locubrações e de luctas fastidiosas. O machinista Madeira possuia uma obstinada teimosia, que era uma das suas mais apreciaveis qualidades e que veio mais tarde a pôr em pratica na trabalhosa vida do *Quelimane* no canal de Moçambique.

Applanadas as maiores difficuldades para a nossa partida para Mayotta, embarcámos na *Levette* os tres passageiros, dois portuguezes, e um francez. Como era natural, nós portuguezes fomos abonados de comedorias á meza do commandante, assignando-se um documento em quadruplicado: um, que serviria de documento de bordo; outro, de documento nosso; outro seria mandado á Legação portugueza em Paris, e um finalmente seria mandado á contabilidade de marinha em Paris. Vê se que por lá ha a mesma mania da papelada. Despe-

dimos-nos das nossas relações em terra, começando pelo Dr. Brooks, nosso muito querido amigo.

A ilha de Mahé, capital das Seychelles, passa por ser o ponto mais salubre d'aquelles arredores e é uma especie de sanatorio para os habitantes da Reunião, da Mauricia, de Madagascar, etc. E' por isso, apesar de estar a ilha em menos de 5.º de latitude, que é povoada por uma numerosa colonia de gente branca, bella e rosada, que fala o francez e que tem um bellissimo aspecto de saude e felicidade. A ilha é accidentada, muito arborizada e cheia de magnificas fontes de limpida agua, algumas que se despenham em abundantes cascatas pittorescas.

Largámos d'aquella encantadora ilha ainda em março para apprehender uma das mais difficilissimas viagens que pôde fazer um navio de vela e, de mais a mais, ronceiro. As aguas correm geralmente a Oeste e com tanta mais força quanto mais perto se passa do Cabo de Ambre; junto ao cabo, levam-se ás vezes com tres milhas por hora. Outra causa de perigo são tambem as numerosas ilhas, os recifes que se entendem por todo o caminho, e traiçoeiros atols que povoam os mares tropicaes e que, pela sua natureza coralina, vão sempre crescendo e tornando a navegação excessivamente difficil. Deixámos por BB. o archipelago do Almirante, a ilha Alphonse, o recife Wizard. Passámos tambem a ilha Providencia, Farquhar, o grupo Cosmoledo, o atol Aldabra, o Bisson, a Zelé e o Glorioso; e isto é mencionar só os principaes. Quasi todos estes nomes são dados por navios e indicam tragedias ignoradas! O commandante Parrayon gastou vinte dias com a escala de Nossi Bé para fazer uma viagem que, a vapor, se fazia em tres dias, mas mostrou que era habil e cuidadoso navegador. Em Mayotta, tivemos que nos despedir d'elle com verdadeira saudade. Em outro artigo diremos mais algumas palavras a respeito da viagem da *Levette*.

AUGUSTO DE CASTILHO.

O cemiterio de Pisa

Não acreditava que houvesse no mundo cidade tão morta como Toledo, mas não tinha ainda visto Pisa. Ha contudo grande differença entre as duas povoações. Em Toledo, junto a edificios maravilhosamente conservados, como a cathedral, ha edificios quasi destruidos, como S. Juan de los Reys e o Palacio de Carlos V. As ruinas, no seu desolamento, justificam a solidão. Em Pisa todos os monumentos estão de pé, todos cuidadosamente conservados; alguns, graças a restaurações modernas, resuscitados com o brilho de novos, os mais d'elles pintados de vivissimas côres. E contudo a solidão é indescriptivel.

Diz-se-hia que aquelles palacios esperam os seus moradores, preparados para os receber, mas os moradores não chegam. No proprio dia da minha chegada, no mez de maio, parei na ponte central de Lugarno, ás duas da tarde, e posso assegurar que estava só, completamente só, quasi tentado a acreditar que a immensa cidade era destinada unicamente á minha pessoa. Magnifico sitio para um egoista. Mas que tristeza, que profunda tristeza, ver aquellas duas compridas fileiras de edificios preciosos, de casas elegantissimas, aquellas varias pontes, aquellas magnificas avenidas, aquelle extremo asseio: o rio no fundo, o céu sorridente; n'um dos extremos copadas arvores baloiçando-se ao sopro da fresca brisa do mar, e ninguém, absolutamente ninguém, senão eu, áquella hora, e n'aquello delicioso sitio, para contemplar tanta formosura. Tive quasi tenta-



Concurso hippico nas Caldas da Rainha
Uma parte da assistencia

(Cliché de J. Benoit).

ções de começar a gritar, na certeza de que apenas me responderia o echo.

Um estrangeiro apostou que dando uma volta a cavallo á roda dos muros de Pisa não encontraria viv' alma, e ganhou a aposta. Os russos e os ingleses, a quem o frio do clima deu cabo dos pulmões, refugiam-se, para viver alguns dias, em Pisa, onde as montanhas os abrigam dos ventos do Norte, e a solidão das grandes commoções. De quando em quando encontram-se lindas raparigas, com rosetas nas faces, e aquelle brilho de olhos, característico da física, seguidas de algumas pessoas de familia, tristes, sombrias, como se fossem a acompanhar um funeral, chorando o golpe irremediavel da morte. Todas estas particularidades conspiram de continuo para a tristeza geral da cidade, chamada com razão — Pisa a morta.

E, contudo, tempo houve em que as suas liberdades assombraram a Italia, e o seu commercio o mundo; tempo em que o mar lhe levava ás portas os tributos da Corsega e da Sardenha; em que as suas esquadras transportavam os cruzados á Asia, e da Asia lhe traziam o ouro, a purpura, o marfim; tempo em que os seus guerreiros auxiliavam os imperadores da Alemanha contra os papas de Roma, e os condes de Barcelona contra os mouros de Malhorea; em que os piratas lhe temiam o poder, em que os sarracenos, até nas costas de Africa, estremeciam ao vêr o brilho das suas lanças, e em que as columnas e os marmores, conduzidos a Pisa de longinquas regiões, formavam como que o trophéu da primeira victoria das artes.

Então os últimos mestres mosaístas de Constantino-pla revestiam-lhe com pedras brilhantissimas de mosaicos os arcos dos seus monumentos; então os primeiros pintores, que adivinharam a arte do desenho, animavam-lhe os muros e os claustros com mysticas figuras; então os judeus enchiam-a de riquezas, abrigados á sombra de suas tolerantes leis; então Nicolau e João de Pisa, inspirados genios da Edade Média, desbastavam o marmore e



Concurso hippico nas Caldas da Rainha

Jayme Alto Mearim descendo a banquetta no seu cavallo Farinello

dras nuas dos altos torreões das muralhas; em vão esse magnifico baptisterio, muito proximo do Campo Santo, desenha as suas arcaurias silenciosas; em vão a branca torre inclinada, semelhante a uma columna gigantesca, solta alli perto a voz aguda dos seus sinos; e a Cathedral, ornada de infinitas joias, entoa a psalmodia de seus canticos: tudo em vão procura despertar a ideia da vida; as ortigas que brotam por toda a parte n'aquelle immenso deserto, recordam-nos e inspiram-nos a ideia da morte.

O Campo Santo é um edificio grande, severo, de altos muros, e portas estreitas; um tumulo de marmore para todo um povo. Os Pharaós do Egypto, os Cesares de Roma, os sátrapas do Oriente, levantaram pyramides, fortalezas, montanhas, para se enterrarem, para occultarem os vermes que lhes roiam a purpura e os ossos; mas nenhum d'estes soberbos monumentos, onde os despotas perpetuaram eternamente na morte a magnificencia insolente da sua vida, pôde comparar-se em graça e formosura a este cemiterio de cidadãos que se abraçam e confundem alli na eternidade e cujos frios ossos segados pela cortadora foice, irradiam o mesmo calor, o mesmo entusiasmo que em vida irradiaram seus livres corações.

O exterior é de extrema simplicidade. Parece um atauda immenso talhado n'uma só pedra. As perspectivas da morte dão extraordinaria solemnidade a todos os objectos da vida. Sempre que o homem pretendeu expressar a morte expressou a immortalidade. Em vão pintou o ultimo transe como a dor das dores; em vão o ultimo asylo, como a sombra das sombras; no fundo do sepulcro vasio, no seio do abysmo insondavel brilha sempre a luz mysteriosa de uma nova vida. E' que o homem, este resumo da creação, este mineral sujeito ás leis da gravidade e aos limites da extensão; este vegetal que necessita de ar, de agua e de luz; este animal que nasce e se nutre como os outros mamíferos; este microcosmo cuja cabeça espherica reproduz a esphera dos céus, e



Concurso hippico nas Caldas da Rainha

O alferes Maya na passagem de ria entre varas

produziam essas brancas figuras, que parecem o primeiro alvor de uma nova edade de inspirações, e os penitentes mysticos acordavam ao resplendor da nova idéa, antes que surgisse, como essas aves que annunciam do fundo das trévas o dia que vai nascer.

A liberdade deu-lhe o commercio, o commercio a riqueza, a riqueza a arte e a sciencia. As machinas de Buschetto levantavam, no seculo onze, pesos enormes, cuja gravidade só poderia vencer a mechanica moderna. Os ligeiros barcos, de graciosas velas latinas, traziam-lhe, no seculo doze, as télas de sedas rugidoras, que poderiam chamar-se pela cor, brilho e origem, radiosas aparições da antiga India, no meio das trévas da Edade Média. As serpentes de bronze do Egypto enroscavam-se-lhe nas columnas de granito, e os hipogryphos da Grecia abriam as azas junto ás cupulas bisantinas. Innumeros trabalhadores enchiam-lhe os caes e molhes, porque os principios da liberdade enchiam os seus codigos. A Republica morreu e Pisa é um cadaver.

Por isso, sem duvida, o seu primeiro monumento é um cemiterio. No zenith do seu esplendor, Pisa presentiu o futuro e construiu o edificio que mais devia convir á sua triste futura historia: — o Campo Santo. Com a alma entristecida pelas sombras da morte no meio d'aquella cidade solitaria, onde só se ouvia o sussurro da brisa do mar, fui visitar este magnifico monumento, que tantas commoções e ensinamentos me reservava.

O logar onde se acha o Campo Santo é o mais deserto da cidade. Em vão os altos montes de Pisa levantam as cuspidas azues no ether d'um esplendido horizonte; em vão a vegetação da primavera, carregada de flores, de mariposas, de ninhos, cobre luxuosamente as pe-



Concurso hippico nas Caldas da Rainha

Salto de sebe por um camfino

(Clichs de J. Benoliel).

cujos olhos scintillantes reflectem a luz das estrellas; este anjo que se levanta para lá dos tempos e do espaço para contemplar na sua pureza as idéas arquetypicas, das quaes são sombras as coisas: o grande musico dos mundos, o grande sacerdote e o grande poeta entre todos os seres: o que tira de factos particulares as leis uni-



Gomes Teixeira

Major de engenharia e inventor d'um novo modelo de torpedo fixo
(Clické de J. Bonolle).

versaes, e da tosca materia a essencia impalpavel do espirito: o que fixa na mente o cantico universal das espheras: o que logra dar, com o seu pensamento, como que a consciencia de si mesmo á natureza, não podia enterrar-se todo debaixo de algumas pás de terra, sem enterrar consigo ao mesmo tempo toda a criação.

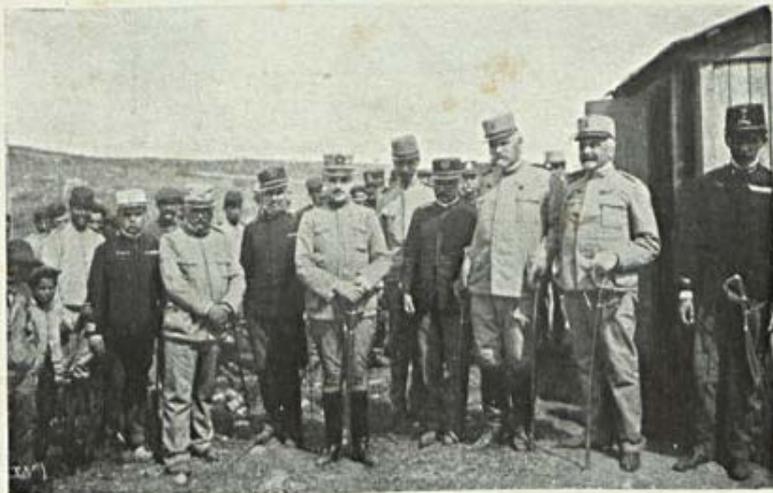
E, comtudo, não ha monumento que exprima o nada como este parallelogramo, irregular, á maneira do eterno contrasenso da morte.

Todos trazemos debaixo dos pés um escuro abysmo, que absorve como o deserto as gotas da chuva, os instantes da nossa vida. Todos habitamos n'um cemiterio. Esta nudez exterior do campo santo, esta monotonia, esta uniformidade, são a nudez, a monotonia, a uniformidade da morte. Quando a porta se abre julgamos abrir-se a porta da eternidade. O frio d'aquellas abobadas como que nos petrifica: o silencio d'aquelle logar como que nos priva do uso da fala. Sentia-me inteiramente só, só como um morto abandonado na tumba.

Errante, sem patria, sem lar, perguntava-me se aquella viagem não era o symbolo da minha ultima viagem; se aquella entrada de um momento no cemiterio não era a pintura antecipada do dia em que os homens terão de me recolher e lançar-me a uma cova, para que eu não envenene com os meus putridos miasmas o ar que elles respiram.

O guarda, de pé, á porta, convidava-me a entrar. As idéias mais tristes batalhavam-me no cerebro, e deixavam cahir como gotas corrosivas sobre o coração. O ruido da enxada cavando ócas sepulturas, e o barulho das chaves que o guarda agitava, misturavam-se sinistramente nos meus ouvidos. Mas fui entrando, pensando que a morte é tão natural como a vida, e que a tumba é o berço da eternidade. E o portão fechou-se atraz de mim.

EMILIO CASTELAR.



(Clické de A. C. Lima).

Em Paço d'Arcos

Assistindo ás experiencias do torpedo fixo inventado pelo major Gomes Teixeira
O Senhor D. Manuel tendo á sua direita o coronel Prego
e á esquerda o major Gomes Teixeira, o ministro da guerra, o commandante da escola de torpedos e outros officiaes

Um jantar arabe

Uma tarde, já á tardinha, guiados por um interprete e acompanhados por quatro criados da Legação, chegámos, por umas viellas escusas, a uma porta de arabescos, que se abriu, como por encanto, assim que nos avisinhámos; e, atravessando uma salita branca e nua, achámo-nos no coração da casa. A primeira cousa que nos impressionou foi uma grande confusão de gente, uma luz estranha, uma pompa maravilhosa de côres. Vieram ao nosso encontro o dono da casa, o filho e



A explosão do torpedo fixo inventado pelo major Gomes Teixeira
(Clické de J. Bonolle).

os parentes, coroados com grandes turbantes brancos; detraz d'elles estavam os servos com as cabeças mettidas nos capuzes; mais para além, nos angulos escuros, rostos attonitos de mulheres e creanças; e apesar de tanta gente um silencio profundo. Julgava estar n'uma sala, ergui os olhos, e vi as estrellas. Estavamos no pateo. Como todas as outras casas mouriscas, era esta um pequeno edificio quadrado, com um pateosito ao meio, ao lado do qual se abriam duas salas altas e compridas, sem janellas, só com uma grande porta arqueada, fechada por uma cortina. Os muros exteriores eram brancos como a neve e os arcos das portas denticulados, os pavimentos em mosaico; aqui e além uma porta e um nichosito para pôr os chinelllos. A casa fóra ornamentada. Os pavimentos cobertos de tapetes; ao lado das portas dois grandes candelabros com velas amarellas, verdes e encarnadas, em cima das mesas espelhos e ramalhetes. Mas o effeito de todas estas cousas, em si nada estranhas, era estranhissimo. Era um pouco de ornamentação de uma egreja, e juntamente um ar de theatrinho, de sala de baile; mas cheia de gentileza e de graça; e na distribuição da luz e na combinação das côres um effeito novo, uma significação profunda, uma correspondencia maravilhosa com tudo o que tínhamos sempre pensado e sentido confusamente d'aquelle povo; como se aquella fosse, por assim dizer, a luz e a côr da sua lei e da sua religião, e como se, vendo o interior d'aquella casa, vissemos pela primeira vez para dentro da alma da raça. Gastaram-se alguns momentos em cortezias e em vigorosos apertos de mão: e fomos convidados a vér o quarto dos esposos. Procurei inutilmente, com uma curiosidade de europeu descarado, os olhos de Mahomet; já inclinára a cabeça e escondia o rubor debaixo do turbante. A camara nupcial era uma sala alta, comprida e estreita, com porta para o pateo. De um lado ao fundo estava o leito da esposa; da parte opposta o de Mahomet: ambos armados com ricos estofos, de uma côr vermelha carregada, e orlados de galões; o pavimento coberto de espessos tapetes de Rabat; as paredes de tapeçarias amarellas e vermelhas: e entre os dois leitos o lato da esposa pendurado da parede; corpetes, saias, calças, vestidinhos de côrte desconhecido, com todas as côres de um jardim florido, de lã, de seda, de velludo, agaloados e estrellejados de ouro e de prata; todo o enxoval da boneca de uma princezasinha: um espectáculo de fazer andar a cabeça á roda a um coreographo e de

Regulação de torpedos Whitehead na bahia de Cezimbra



A esquadilha de torpedeiros navegando

Durante o mez findo andou em exercicios a nossa esquadilha de torpedeiros afim de proceder á regulção dos torpedos Whitehead destinados a guarnecer os navios de guerra portuguezes. A esquadilha fundeou na bahia de Cezimbra e ahi procedeu á collocção d'alvos á distancia de 300 e 600 metros, sendo os lançamentos de torpedos feitos do vapor «Vulcano» por meio d'um tubo carcassa. A esquadilha executou tambem varios exercicios de tactica muito interessantes e procedeu ao lançmento de torpedos sobre um alvo rebocado pelo vapor «Vulcano».



Regulação de torpedos Whitehead na bahia de Cezimbra

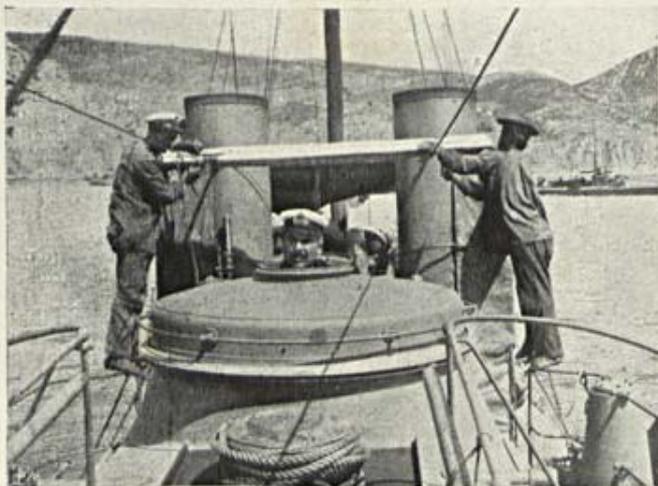
O tenente João Paes de Vasconcellos assistindo á recepção d'um radiogramma a bordo do torpedeiro n.º 2, do seu commando



Regulação de torpedos Whitehead na bahia de Cezimbra

O tenente Vieira de Maltos a bordo do «Vulcano» regulando as peças interiores d'um torpedo

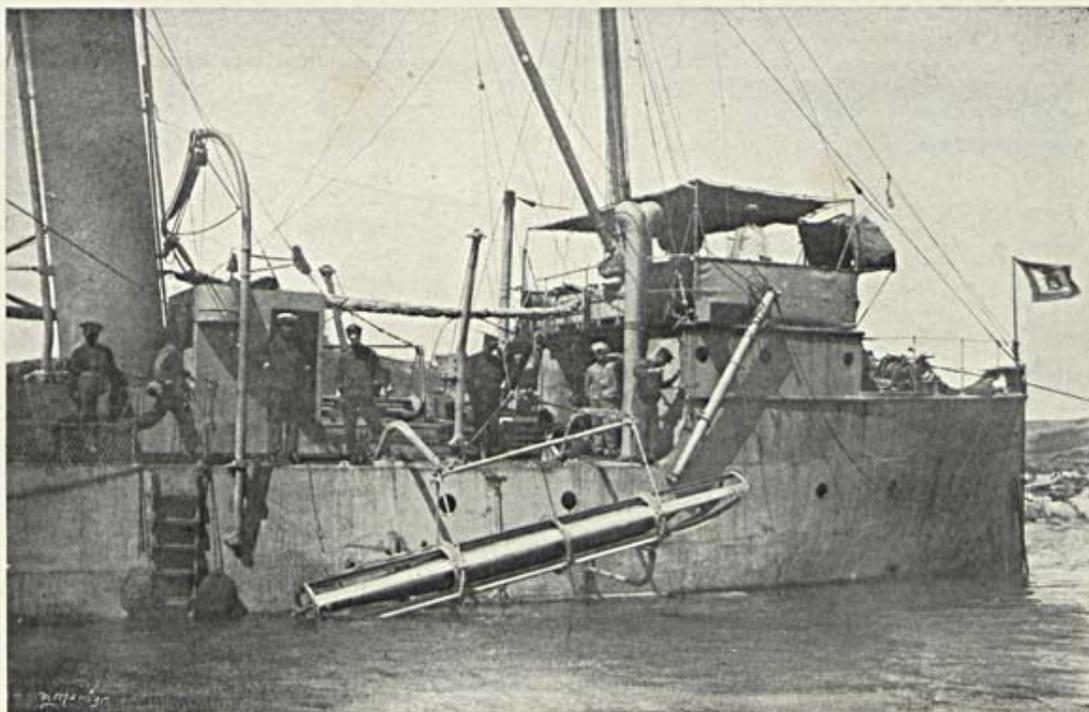
(Clichés de J. Benoit).



Regulação de torpedos Whitehead na bahia de Cezimbra

O tenente Vieira de Maltos dirigindo a manobra do torpedeiro n.º 3 na respectiva casa de governo

fazer morrer de inveja uma mimica. D'alli passámos para a casa de jantar. Aqui tambem alcátifas, tapeçarias, ramos de flores, grandes candelabros postos no chão, colchões e travesseiros de cem côres estendidos ao pé das paredes, e dois leitos enfeitados com grande pompa, porque era o quarto nupcial do dono da casa. Ao pé de um dos leitos estava posta a mesa, contra o costume dos arabes, que põem os pratos no chão e comem sem talheres, e sobre ella scintillava, apesar do preceito do Propheta, uma corôa de velhas garrafas, encarregadas de nos lembrar, no meio das volupias do banquete mourisco, que eramos christãos. Antes de irmos para a mesa, sentámo-nos de pernas cruzadas nos tapetes á roda do secretario do dono da casa, um bello mouro de turbante, que preparou o chá á nossa vista, e nos fez tomar, segundo o costume, tres chavenas a cada um, despropositadamente assucaradas e perfumadas com ortelá-pimenta; e entre uma e outra chavena affagámos o rabicho e a cabecinha rapada de um lindo pequeno de quatro annos, ultimo irmão de Mahomet, que contava furtivamente os dedos das nossas



Regulação de torpedos Whitehead na bahia de Cezimbra

A bordo do vapor «Vulcano» — Preparando o lançamento d'um torpedo — A carcassa entrando na agua

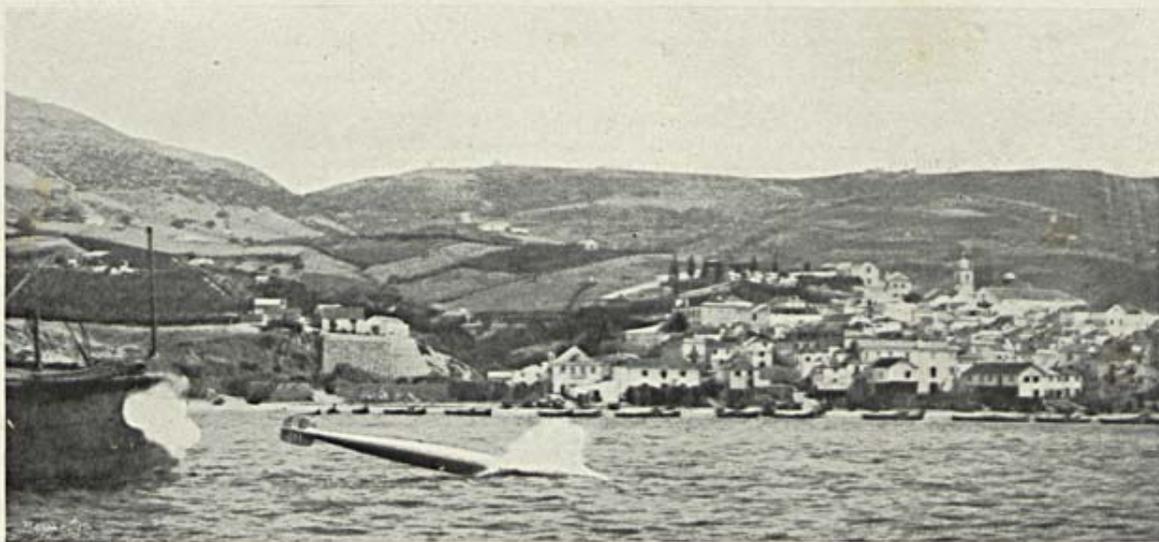
mãos para se certificar de que eram cinco como os de todos os mahometanos.

Tomado o chá, sentámo-nos á mesa. A nosso pedido sentou-se tambem o dono da casa para nos fazer companhia, e principiaram a desfilar os pratos arabes, objecto da nossa vivissima curiosidade. Eu saltei no primeiro com a maxima confiança... O Deus eterno! O meu primeiro pensamento foi de me atirar ao cozinheiro. Todas as contrações que se podem produzir no rosto de um homem com o assalto subito de uma colica, ou com a noticia de fallencia do seu banqueiro, me parece que se produziram no meu. Percebi immediatamente que uma gente que comia d'esta maneira devia acreditar n'outro Deus e tomar n'outro sentido a vida humana. Não saberei exprimir o que senti na bocca senão comparando-me com um desgraçado obrigado a merendar os boiões de um cabelleireiro. Era um sabor de pomadas, de banhas, de sabões, de unguentos, de tinturas, de cosmeticos, de tudo o que se possa imaginar menos proprio para passar por uma bocca humana. A cada prato trocavam-se olhares de assombro e de terror. A materia prima devia ser boa: era gallinha, carneiro, caça, peixe: pratos enormes e de bella apparencia, mas tudo a nadar n'uns molhos abominaveis, todos cheios de unto, perfumados, almiscarados, tudo cozinhado de tal forma que parecia mais natural metter-lhe o pente do que o garfo. Mas não havia re-

medio senão comer alguma coisa e conformei-me com o sacrificio, repetindo aquelles versos de Alcairdi:

Oh! n'esta vida
Pesa de certo algum delicto ignoto
Alguma expliação.

A unica coisa que se podia comer era o carneiro no espeto. Nem ao menos o cuscussú, o prato nacional dos mouros com o trigo moido da grossura do farelo, feito em caldo ou em leite e cozido a vapor! nem ao menos esse famoso cuscussú o consegui ingurgitar sem me fazer de mil côres! E houve algum de nós que comeu de tudo, facto consolador que demonstra que ainda ha na Italia grandes caracteres! A cada bocado o nosso hospedeiro interrogava-nos humildemente com o olhar, e nós, esbogatando os olhos, respondiamos em côro: Excellente! Superfino! — e deitavamos logo abaixo um copo de vinho para reanimar os espiritos. N'um certo n.omento, retumbou no pateo uma musica extravagante que fez com que nos levantassemos de um pulo. Eram tres tocadores, vindos, como quer o costume mourisco, para alegrar o banquete; tres arabes de grandes olhos e de nariz de papagaio, vestidos de branco e de vermelho, um com a thiorba, outro com o bandolim, o terceiro com o pandeiro e todos



Regulação de torpedos Whitehead na bahia de Cezimbra

O lançamento d'um torpedo

(Cliché de J. Benoit).

Hospital de creanças «Duqueza de Palmella»



A enfermaria n.º 1, vendo-se ao fundo a casa de operações

tres sentados fóra da porta da nossa sala, e ao pé de um nicho onde tínhamos posto as nossas chinellas. Tornámo-nos a assentar, os pratos começaram a circular (vinte e tres, entrando a fruta, se bem me recordo) e os nossos rostos a contorcer-se e as rolhas a saltar. A pouco e pouco as libações, o cheiro das flôres, o fumo dos aloés que ardia nos thuribulos cinzelados de Fez, e aquella extravagante musica arabe, que á força de repetir o seu mysterioso lamento, se assenhoreia da alma com uma sympathia irresistivel, deram-nos por alguns momentos uma especie de embriaguez taciturna e phantastica durante a qual cada um de nós julgou sentir um turbante na cabeça e a cabeça de uma sultana sobre o coração. Acabado o jantar, levantaram-se todos, e dispersaram-se pela sala...

Edmundo de Amicis.

O Antonio Luiz

O Antonio Luiz vivia sósinho n'aquella velha casa, escondida entre fructeiras. Era um lindo sitio aquelle — lindo e triste. Meia duzia de arvores e um unico fiosinho de agua nascida n'uma pedra toda a reluzir, babada de ouro, escorrendo pelo chão e empoeando na terra gorda e farta. As raizes alastravam felizes, e entre as arvores, que davam todos os annos ricos e sumarentos fructos, damascos e peras de D. Joaquina, que se desfaziam na bocca, havia uma velha macieira que positivamente entontecera... O sol estendia a sua rede de malhas doiradas pelos ramos, e a casota quasi desaparecia entre a teia dos galhos enredados. Via-se-lhe uma janellinha quadrada, com um vaso de cravos roxos e o beiral saliente de través carcomidas mas fortes (o castanho é eterno), onde as andorinhas teciam os seus ninhos. Appetecia acabar alli a vida, com um livro de velho philosopho por amigo, ao eterno murmuro da agua, quasi tão triste como um fio de lagrimas... E, ainda por cima, crescia no quintalorio a grande macieira, de tronco engelhado como uma velhinha centenaria e que decididamente entontecera: ás vezes, perdida de todo, dava flor no inverno e aquillo enchia ao mesmo tempo de emoção e de riso.

— Minha tonta! — dizia-lhe o Antonio Luiz, acariciando-a. Era sabido: ao primeiro rebate da primavera, o quintal desentranhava-se em flores. Ouvia-se os rebentos estoirar. Nascia uma, tão miudinha, a primeira, depois vinha outra, e logo as arvores á compita se enchiam, a vêr qual dava mais. Um deslumbramento! Os velhos que passavam na rua quedavam-se babados sorrindo, e de pessoas tristes sei eu que paravam e depois seguiam tolhidas de scisma para toda a sua vida. Era só isto o quintal do Antonio Luiz — só isto e o que se não descreve: o fio d'agua limpida, a sombra das arvores nossas melhores amigas e que nunca enganam nem mentem e o beiral cahido a um lado, com o geito de quem vae arriar com a fieira dos ninhos.

— O' Antonio Luiz, deite isso abaixo. Nem o diabo as atura. Estragam-lhe a casa e pela manhã sempre fazem um inferno!...

Isso sim! o velho punha todo o seu cuidado em não as entolar, quando caíava de branco a parede.

O sitio era lindo e triste. Havia de haver por força lagrimas n'aquella casa. O quintal e a toca não se sentiam bem: parecia até que o diziam. O murmuro da agua frigida enchia de emoção...

Ao largo, via-se o areal e depois o mar. O Antonio Luiz tinha sido capitão de navios e queria morrer ao pé do Atlantico. A paizagem, a casa construida entre arvores de fructa, envolvia-se na poeira humida da beira mar que, traspasada de sol, dá ás coisas um tom lindo e vago.

— O' Antonio Luiz, você não tem familia? — perguntavam-lhe.

E elle, brusco e secco, respondia logo:

— Não tenho ninguém!

Era um lindo sitio aquelle — lindo e triste.

O Antonio Luiz, um velho resequido e com a bocca apertada de decepção e de colera, vivera sempre sósinho. Podava as arvores, scismava e só ao fim da tarde lhe apparecia no quintal o seu velho piloto, o Manuel Pereira, atarracado, vermelho e baixo, com um collar de barba branca e este eterno estribilho repetido:

— Bons tempos! bons tempos! ..

Era o seu unico amigo. O Manuel Pereira, com o seu vocirão enorme e a ligura rude e solida de embarcadicho, obedecia-lhe como uma creança: tinha pelo Antonio Luiz mais que respeito — veneração. O outro bradava-lhe secco e rispido:

— E' assim mesmo, já disse!

E elle emmudecia, amolgando o *sueste*, que nunca largava da cabeça fizesse verão ou inverno bravio.

— Pois é, capitão, é... Bons tempos! ..

Falavam pouco, mas entendiam-se bem: um mandava, obedecia o outro. A's vezes jogavam as cartas e quando o Antonio Luiz ia a perder, erguia-se auctoritario:

— Jogue outra! ..

E o Manuel Pereira, coçando a cabeça:

— Mas é que, capitão, eu..

Hesitava afflicto:

— E' que assim perco..

— Você não sabe nada! Jogue aquella, que mando eu!

E o piloto jogava. Outras vezes, encostados ao muro, olhavam os navios que entravam a barra e recordavam-se do tempo que não voltaria mais.

— Isto agora... — começava um.

— Shi!... — dizia o outro despresivo.

— Está tudo perdido. Olhe que côrte de velame aquelle!

— Bons tempos! bons tempos!

O fiosinho d'agua incaçavel descia da pedra toda babada e perdia-se no chão; as andorinhas recolhiam afadigadas e felizes, e os velhos absorviam-se no passado. Acontecia ás vezes alludirem aos filhos:

— São como os lobos.

— Não tem coração.

E calavam-se até que a neta do Manuel Pereira o vinha chamar para a ceia.

— Lá está a rapariga.

— Adeus. Appareça mais cedo amanhã, ouviu?

Ora, n'uma tarde, aconteceu que o Manuel Pereira, abrindo a cancella de mausinho, foi dar com o velho quieto, curvo, sumido na sombra, a chorar. N'uma alllicção correu logo para elle:

— O capitão está a chorar? O' capitão! ..

O outro ergueu-se, alto, secco, com a bocca contrahida de colera. Os olhos reviam-lhe lagrimas, mas disse brusco e amargo:



Hospital de creanças «Duqueza de Palmella»

Creanças em tratamento ao ar livre

(Clichés de A. C. Lima).

— Qual a chorar! Eu nunca chorei na minha vida. O que não estou é hoje para conversas, piloto. Rode!

O Manuel Pereira, habituado a obedecer, sahiu amolgando o *sueste* nas mãos. Tossia, e assim que a neta lhe disse á porta:

Igrejas, mosteiros e capellas



A capella do Hospital de creanças «Duqueza de Palmella»

(Cliché do A. C. Lima).

O altar-mór

— Vamos á ceia, avô?

— Rode lá para casa, já disse! — berrou-lhe — que eu hoje não estou para conversas!

E com o chapéu ás tres pancadas, desabrido como o sul, o cachimbo fuma que fuma na bocca:

— Rode lá adeante de mim!...

Fim de tarde. A quella hora, as andorinhas recolhiam, mas antes de emmudecerem, vá de conversa de ninho para ninho: era uma chilreada no quintalorio afogado na sombra... Só no cucuruto das arvores alguns fios de sol enredados reluziam ainda. O choro do velho succumbido confundia-se com o murmúrio baixinho da agua frígida e límpida. Uma estrella faiscou lá em cima — a primeira. Tantas lagrimas! Eu bem lhes disse que aquelle sitio era lindo mas triste.

Vae d'uma vez, quasi noite fechada, o Antonio Luiz deitava a aldrava á cancella do quintalorio, quando um vulto surgiu da treva e foi tombar na pedra, junto da porta que o velho fechou de repellão.

Uma rapariga ainda, mas o typo dizia a sua historia viva, completa, dolorosa. Parecia uma rodilha embebida em lagrimas, essa creatura amolgada, d'olhos tristes e bocca cheia de amargura. Tres vezes bateu com a cabeça na pedra do degrau e allí se deixou ficar, enrodilhada, sacudida de gritos, meio tragada pela escuridão. — Pae, perdõe-me! — Do lado de dentro o Antonio Luiz encostara-se á porta, sem uma palavra, empedrado de dôr.

— Tiraram-me tudo! despiram-me de tudo! Foi peor que a morte!

E o velho calado, transido e hirto.

— Enganaram-me e ficaram-se a rir — tornou a voz. — Parece-me que o vejo rir! Tiraram-me tudo! levaram-me tudo!

Os seus trapos, a sua figura de tragedia, os olhos tristes, narravam o desespero, a quéda, a allicção. Via-se que tinha sido apalpada pela dôr, esvaziada de lagrimas e de gritos. Não se distinguia se era da ventania ou do escuro que rómia aquella voz — da noite ou da desgraça. Os gritos enregelavam e a ventania levava-os pelos ares.

— Oh! todos os dias o via chorando por vé de mim. Não se pas-

sava uma hora que me não lembrasse e não ouvisse a sua voz a dizer-me baixinho: — «A tua mãe morreu. Queres que seja a tua mãe?» — Para o que tu me creaste! para o que tu me creaste!... Fez-me amargar os meus dias, comer sal de resalga, até que fugi. Não ha sitio no meu corpo que não tenha sido espancado e tenho ainda vivas nos olhos as lagrimas que chorei. Passei todas as fomes e não nas sinto. Sou peor que um trapo e não grito. Pae, eu já não posso chorar!...

As palavras sahiam ás golfadas, em arrancos, raspadas como ui-vos d'alguem entre os grifhos ferreos da Dôr. Tragava-as a escuridão, sumia as a lufada — e o velho mudo, hirto, encrostado na porta.

— Agora é que eu preciso da sua piedade. Lembre-se de mim quando eu era pequenina... Oh! quando eu era pequenina!...

E as palavras perderam-se n'um cachão de lagrimas. A mulher ficou rasa como a terra, peor que a terra.

— Pae!...

Então a porta abriu-se e uns braços seccos apertaram-na, arrastaram-na, levaram-na toda molhada de choro.

Foi n'essa occasião que o Manuel Pereira chegou, com o *sueste* á banda, mais tarde que o costume, e espantado, ainda na duvida, perguntou:

— O capitão estará porventura?... E estacou receoso. Mas o outro, erguendo os braços, aos berros:

— Estou sim, que duvida! Fique sabendo que estou a chorar. E' a minha filha, ouviu? Rode lá p'ra dentro!...

Atirando com o *sueste* ao ar, o piloto entrou no quintalorio ás risadas.

— E vamos rir, vamos ser felizes como no tempo da barca *Boa Nova*!

— Bons tempos! bons tempos! — clamou o piloto.

Já noite fechada, mas as andorinhas curiosas deitaram a cabeça fora dos ninhos e puzeram-se a chilrear muito baixinho. O quintal parecia outro: duas arvores, a macieira tonta e uma nascente d'agua fresca e viva. Era um lindo sitio aquelle — lindo e alegre alinal. Dentro ouvia-se ainda o vozeirão do piloto:

— Bons tempos! bons tempos!

Raul Brandão.

AMOR E MORTE

À memoria de minha idolatrada esposa Viscondessa de S. Boaventura
(Casimira de Montenegro Chaves da Gesta Barbosa)

«Eu amo-te» — Jurei.
Amei, amei, amei.

«Tu morreste» — chorei
E sempre chorarei.

Eu vou ser jardineiro;
De pranto regarei
As flôres do canteiro.

8 de junho de 1910

Visconde de S. Boaventura.



Conde de Tovar

antigo ministro portuguez em Madrid
nomeado por decreto de 3 de corrente para exercer o alto cargo
de embaixador de Portugal
junto de Sua Santidade o Papa Pio X

A descoberta do vidro

Ha muitas invenções que são devidas ao genio e paciencia do homem e outras que são filhas do simples acaso, como por exemplo a do vidro que, segundo Plinio, teve a seguinte origem:

Alguns mercadores que passavam com cargas de nitro pela Syria, pararam para descansar ao pé de um rio que nasce no monte Carmello. Querendo cozinhar a comida, e não achando por alli pedras onde collocar as caldeiras, serviram-se para esse fim de alguns pedaços de nitro, o qual, derretendo-se por acção do fogo, e misturando-se com a areia, produziu uma certa materia transparente que não era outra cousa senão vidro.

Nos tempos modernos, parece que um inglez chamado Renalt, o inventou novamente no seculo IX, usando-se já, em vidraças de casas particulares em 1180.

Afirmam outros que a invenção é franceza, e que a arte de fazer vidro passou da França á Inglaterra em 674, sendo os monges os primeiros que se serviram de vidraças nas janelas das igrejas e conventos.

O que todavia parece certo é que o uso das vidraças, em casas particulares, era ainda muito raro no seculo XII.

Data do seculo XVII a composição do vidro especial de optica, época em que as lentes foram applicadas nos telescopios e microscopios.

As primeiras lentes de que se serviu Gallileu e seus successores foram muito defeituosas. Um dos menores inconvenientes do telescopio era a aberração e a disposição da luz. Euler foi o primeiro que recommendou o emprego composto de duas lentes diferentes, uma biconcava, de fraco poder refrangente, outra plano-concava, de crystal muito refrangente.

Pouco depois em Londres, Dollon apresentou as lentes-achromaticas (1758), que se resentiam ainda dos mesmos defeitos.

Só em 1815 é que Fraunhofer, de Munich, descobriu uma composição que deu resultados perfectos; morreu, porém, sem revelar a sua descoberta. Merz e Guiraud quasi ao mesmo tempo que Dagnet, na Suissa, e Chance na Inglaterra, descobriram uma composição, que é a que hoje se usa, mais ou menos.

A fabricação de lentes é de uma difficuldade extrema. A mais importante casa d'essa industria é de Alberto Clark, em Cambridge, na qual foi construido o famoso telescopio do observatorio de Lick, dos Estados Unidos.

Castigos infligidos antigamente ás mulheres

Entre os castigos mais usados, e não menos curiosos, que em França, na Alemanha e no norte da Europa se costumavam dar ás mulheres, era o da «pedra ao pescoço», o qual ainda achamos usado no seculo XVII.

As calunniadoras, rixosas e intriguistas eram condemnadas a passarem pelas ruas mais publicas da cidade, levando uma pedra de pendurada ao pescoço.

Se a falta punida era de maior gravidade, estas mulheres eram precedidas por uma trombeta e um pregoeiro, que publicava em alta voz o motivo d'aquella pena.

Sempre se escolhiam para a execução de sentença os dias de mercado ou de maior concorrência nos logares publicos.

Em tempos mais antigos, em lugar de pedra, suspendiam-lhes ao pescoço um cão e um gato vivos: porém depois era sempre uma pedra, cuja forma differia segundo os paizes.

Umaz vezes tinha esta pedra esculpida a cabeça de uma mulher com a lingua de fóra, como um cão fatigado, e era esta a designação das maldizentes e intrigantes; outras vezes tinha as figuras de um cão e um gato brigando, para designar o castigo das rixosas e motoras de desordens; uma garrafa designava as que eram punidas por embriaguez.

Na casa das audiencias do Budissin, na Hungria, conserva-se ainda pendente da parede uma d'essas pedras com as figuras de duas mulheres agatanhando-se e com uma inscripção que declara ter servido pela ultima vez a 13 de outubro de 1673, por sentença contra F. e F., convencidas de amotinarem incessantemente a visinhança com suas rixas e desordens.

A época nas Caldas da Rainha

A corrida de homenagem a Gagliardi



A ida para a praça das presidentas levando à estribeira tres cavalleiros



A sr.ª D. Ida Fragoso nas cortezias



Os moços do curro Carlos Pinto Ferreira, Julio Cayolla, Gustavo Morel, Thomaz Hunter Reynolds e Luiz Ferdigão (Ervideira) e os andarilheiros Ricardo e Luiz Reynolds

(Clichés do commendador Jorge de Almeida Lima — amador).

Musica diabolica

Quando o rei de Hespanha, Filippe II, foi a Bruxellas, em 1549, visitar seu pae o imperador Carlos V, viu-se, entre outras festas, uma procissão muito singular.

Na frente caminhava um touro lançado fogo pelas pontas, no meio das quaes estava sentado um pequeno diabo. Deante do touro galojava um rapazote coitado dentro de uma pelle de urso e montado n'um cavallo ao qual tinham cortado a cauda e as orelhas. Em seguida vinha o archanjo S. Miguel com vestes roçagantes e com a tradicional balança na mão.

O mais curioso era um carro que encerrava a musica mais extraordinaria que possa imaginar-se. Vinha um urso que tocava órgão.

Este era de uma construção muito especial: á laia de canudos, uma série de vinte caixas muito estreitas encerrando cada uma o seu gato, cuja cauda ficava de fóra e estava presa a uma das teclas do piano por uma fita esticada, de fórma que, quando se carregava n'uma tecla, a cauda correspondente era fortemente puxada e produzia de cada vez que a puxavam um miar lamentavel.

O chronista João Christovão Calvet accrescenta que os gatos estavam dispostos por fórma a produzir a

sucessão das notas da gamma. Esta orchestra abominavel era seguida de um theatro, em que dançavam ao som d'esta musica infernal, macacos, lobos, veados e outros animaes.

A scena musico-felina foi mais tarde exhibida n'uma feira em S. Germano em 1753 e em Praga em 1773.

Dialogo galante:

— «E', sem duvida, para se divertir á minha custa, que o senhor me diz ainda bonita. E eu tenho já tantos cabellos brancos, e até uma ruga...»

— «Oh! uma ruga! Que engano! E' um sorriso, minha senhora, que lhe ficou na pelle!»

A epoca nas Caldas da Rainha



Um «pic-nic» a S. Martinho

No 1.º plano — Eduardo Reynolds, D. Maria Sophia Pedreira, José Froes, D. Julia de Castilho, Ruy de Azeveo (Algés), Luiz Xavier de Almeida, A. de Sampayo, D. Jorge de Menezes, Thomas Hunter Reynolds, Xavier de Almeida, D. Marianna de Castilho e Ruy de Siqueira (S. Martinho).

No 2.º plano — Thomas Reynolds, Manuel Gustavo, Augusto Machado, Consulino da Costa, D. Marianna Reynolds, D. Emilia Smith, D. Adelaide de Castilho, D. Marianna de Avellar e Silva e filhas, D. Luiza Xavier de Almeida, D. Emilia Moreira de Almeida e Ernesto de Avellar.

No ultimo plano — Dr. Carlos de Oliveira, Joaquim Piçarra, commendador Almeida Lima, Francisco de Brederode Smith, D. Maria da Graça Reynolds, Luiz Perdigo (Ervideira), D. Luiza Machado, Alfredo Anjos, D. Maria das Dores de Castilho, D. Palmira de Castilho, D. Sophia Machado e D. Maria da Encarnação Lopes.

O chá preto e o chá verde

Eis a opinião de um dos professores na faculdade de medicina de Paris sobre os efeitos do chá na economia animal:

O chá «verde» causa perturbações nervosas, caracterizadas por

bocejos, irritabilidade insolita, beliscos na região do estomago, palpitações; deixa uma fraqueza bastante notavel e muitas vezes um sentimento incommodo de lassidão.

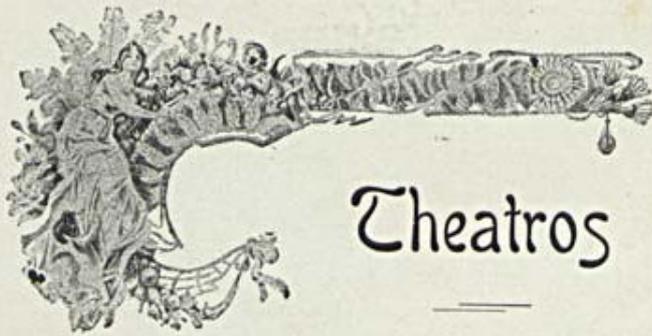
Pelo contrario, a infusão do chá «preto» produz um sentimento geral de bem estar, feliz disposição para os trabalhos do espirito e do corpo e distribuição mais regular do calor animal.

Além d'isso, tem a vantagem de não dar em resultado fraqueza nem oppressão.



A epoca nas Caldas da Rainha — Um «pic-nic» e burricada ao Conventinho

No plano principal — D. Luiza Machado, D. Emilia de Brederode Smith, D. Marianna e D. Maria da Graça Reynolds, Henrique Reynolds, D. Jorge de Menezes, Ruy de Siqueira (S. Martinho), Luiz Perdigo (Ervideira) e Francisco de Aboim Caldeira.



Theatros

Príncipe Real, *O Olho do Diabo*, magica em 3 actos e 15 quadros, de Ernesto Rodrigues e Felix Bermudes, musica dos maestros Filipe Duarte e Carlos Calderon. — **D. Amelia**. — **Trindade**. — **Gymnasio**.

Cã estamos a contás com a nova epocha theatral que o **Príncipe Real**, como do costume, foi o primeiro a iniciar, fazendo representar *O Olho do Diabo*, em que collaboraram Felix Bermudes e Ernesto Rodrigues, dois inexgotaveis mananciaes de graça e de espirito que conseguem sempre fazer-se applaudir pelo publico. Filipe Duarte e Carlos Calderon encarregaram-se da parte musical, que alcançou completo agrado. *O Olho do Diabo* é uma magica bem architectada e portanto tem tudo inherente ao genero em que está filiada, desde o *anjo bom* e o *espirito maligno* até ás mutações vistosas e ás scenas inverosimeis, com situações infantis das historias

para creanças, de uma ingenuidade que já era exagerada nos tempos dos nossos avós. A par d'isto, bastante *piada* com graça, esparcida com mestria e uma que outra, — rara — originalidade, e sem pornographia, caso para dar os parabens ao sr. Ernesto Rodrigues. Balaceando, os *prós* e *contras*, parece-nos que o resultado nos deixa anteer uma longa carreira, principalmente se lhe fizerem uns ligeiros córtes no segundo acto, demasiado grande, quanto a nós. Está optimamente vestida e ensaiada, sendo o scenario de um effeito maravilhoso.

No desempenho ha a destacar o trabalho dos seguintes artistas: Delphina Victor e Raphaela Fons, respectivamente nos papeis de *Noemia* e *Colombino*; Cardoso, no *Jack*; Alegnim, no *Tarata*; e Julio Guimarães, no *Salamaleh*.

Logo que cheguem do Brasil os diversos elementos da Companhia que por lá andam dispersos, novas peças nos será dado ouvir, e entre ellas, consta-nos, uma interessante operetta dos srs. João Bastos e Bento Faria.

Com respeito aos outros theatros pouco se sabe, ainda, sobre o que será a futura epocha.

O intelligente empresario do **D. Amelia**, o sr. visconde de S. Luiz de Braga, partiu para Paris para organizar o repertorio e contractar algumas celebridades estrangeiras, sabendo-se, tambem, que farão parte da companhia do elegante theatro Adelina Abranches e Eduardo Brazão.

Para o **Trindade** está escrevendo Eduardo Schwalbach uma revista, que se espera fará um enorme successo.

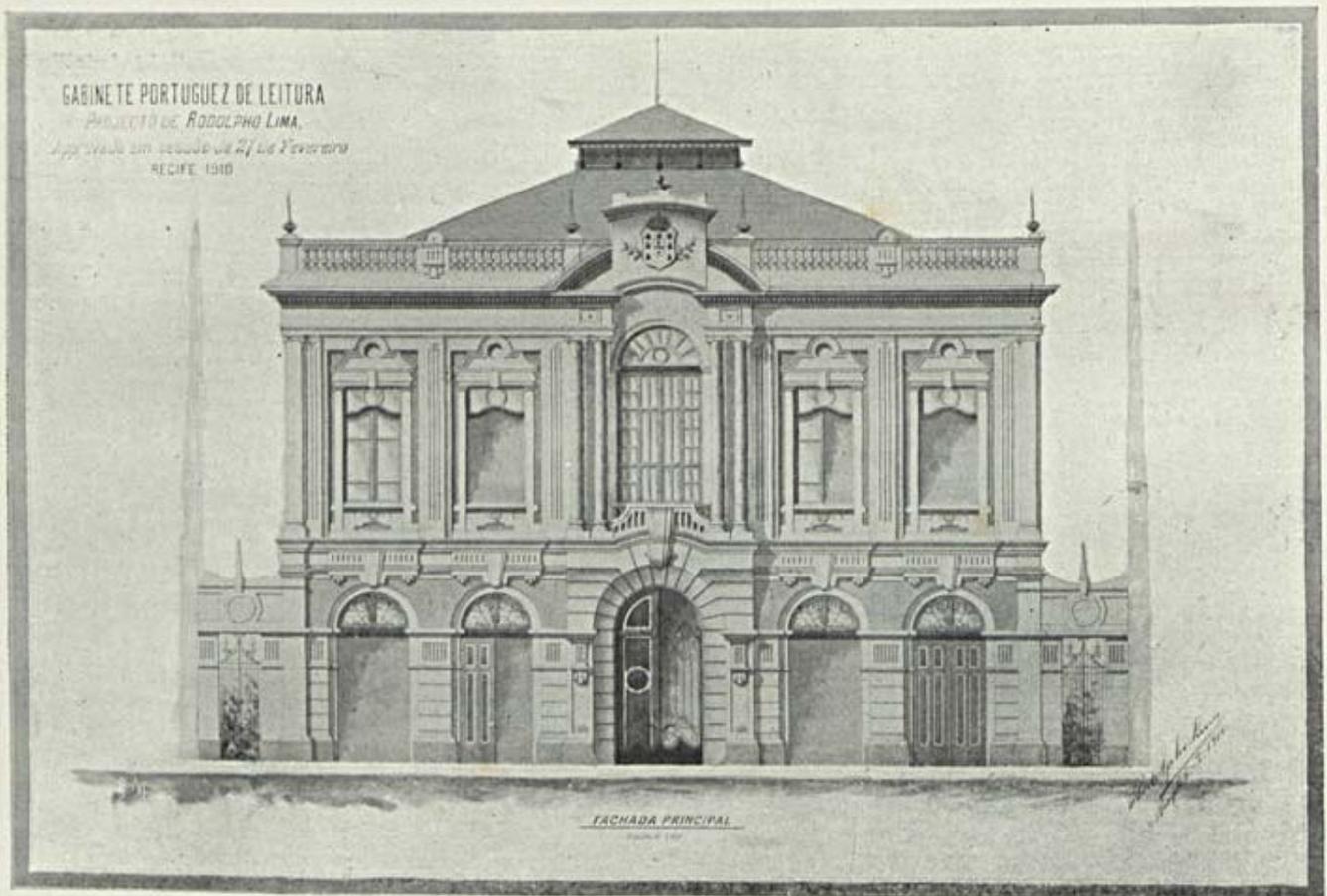
Para o **Gymnasio** vae uma companhia dirigida por Lucinda Simões e Christiano de Sousa, falando-se tambem em Ferreira da Silva, para algumas representações.

D. Maria... *Mysterio!*

E por hoje nada mais.

Ruy.

Os portuguezes no Brasil



Gabinete Portuguez de Leitura, do Recife

Fachada principal

A nossa gravura representa a fachada do edificio que vai ser construido na cidade do Recife (Brasil) para n'elle ser installado o Gabinete Portuguez de Leitura, tratando-se, como os leitores veem, d'um magnifico palacete, cuja area occupará 26^m.30 x 25^m.65, attingindo a sua altura 18 metros, desde o rez-do-chão até á claraboia. Graças aos esforços e tenacidade dos nossos compatriotas, as obras foram ja iniciadas, devendo estar concluidas dentro de um anno, de forma que o edificio possa ser inaugurado em 15 de agosto de 1911.

O edificio será dividido em tres corpos longitudinaes, sendo dois lateraes. No pavimento terreo haverá umas pequenas areas destinadas a estabelecimentos de commercio e um vastissimo salão de recreio para os associados do Gabinete, que occupará a parte central do edificio e todo o pavimento superior, sendo este dividido em quatro lances: dois para galerias de estantes, o terceiro para sala das sessões e o ultimo para gabinete de expediente.

O projecto do edificio merece os mais rasgados elogios, pois trata-se d'uma obra elegante, confortavel, luxuosa, e cuja utilidade não pôde ser posta em duvida.